



Dossiê Arte, Filosofia e Ciência – estudos a partir da Educação

Editorial

Gilles Deleuze e Félix Guattari em *O que é a filosofia?* descrevem, a princípio, a desordem do caos: “Nada de mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras” (1992, p. 237).

Segundo os autores, diante do caos, vemo-nos frente à necessidade de encontrar razões que nos orientem, uma bagatela que seja de uma ordem que nos coloque no prumo. Queremos, de alguma forma, proteção, uma relação de causa e efeito que nos auxilie na fuga ao delírio, à loucura.

Tal desacerto perante o caos nos faz, não em raros momentos, sucumbir ao conforto das opiniões prontas e acabadas, ao repouso na doxa. Mas não é a esse descanso que Deleuze e Guattari nos convidam a depor nossas armas. Partindo de um curioso pressuposto – “Mas não haveria nem um pouco de ordem na ideia, se não houvesse também nas coisas, ou estado de coisas como um anticaos objetivo” (p. 237) – a exortação dos pensadores franceses é a de que, acercados de tal anticaos, encontremos uma paz provisória entre o caos e o pensamento sobre o caos.

Esse procedimento é efetivado pela filosofia, pela arte e pela ciência, mediante um gesto agressivo, ou seja, traçando planos sobre o caos: “A filosofia, a ciência e a arte querem que rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos. Só o venceremos a este preço. Atravessei três vezes o Aqueronte como vencedor. O filósofo, o cientista, o artista parecem retornar do país do mortos” (p. 238).

Tendo atravessado vitoriosos por três vezes o caótico Aqueronte, o que o/a filósofo/a, o/a artista e o/a cientista trazem em seus alforjes? Segundo Deleuze e Guattari, o/a filósofo/a traz conceitos, o/a artista sensações e o/a cientista, funções.

Os planos traçados sobre o caos por tais formas de pensamento traduzem-se em tentativas corajosas de domar uma fera irascível e intransigente:

O pintor passa por uma catástrofe, ou por um incêndio, e deixa sobre a tela o traço dessa passagem, como do salto que conduz do caos à composição. As próprias equações matemáticas não desfrutam de uma tranquila certeza que seria como a sanção de uma opinião científica dominante, mas saem de um abismo que faz que o matemático “salte de pés juntos sobre os cálculos”, [...]. E o pensamento filosófico não reúne seus conceitos na amizade, sem ser ainda atravessado por uma fissura que os reconduz ao ódio ou os dispersa no caos coexistente, onde é preciso retomá-los, pesquisá-los, dar um salto (p. 239).

Paradoxalmente, a luta que a filosofia, a arte e a ciência travam com o caos é feita, a um tempo, de ódio e amor, de repulsa e desejo, de antipatia e amizade, posto que há um adversário tenaz a ambos que precisa ser combatido com maior rigor: a segurança da opinião formada, traduzida pelo lugar-comum, pelo clichê, pelo chavão, pelo mais do mesmo, enfim, por toda doxa que resiste à criatividade é à experimentação:

O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que traga a visão.” (p. 240).

A opinião nos apresenta uma ciência que sonharia com a unidade, como unificar suas leis [...]. Mais obstinado, porém, o sonho de captar um pedaço de caos, mesmo se as mais diversas forças neles se agitam. A ciência daria toda unidade racional a qual aspira por um pedacinho de caos que pudesse explorar” (p. 242).

A filosofia também luta com o caos, como abismo indiferenciado ou oceano de dessemelhança. Não concluiremos disso que a filosofia se coloca ao lado da opinião, nem que a opinião passa a ter lugar na filosofia. Um conceito não é um conjunto de ideias associadas como uma opinião” (p. 244).

Dessa forma, vê-se que o caos, irrecusavelmente, é quem põe e dispõe os três saberes a lançar seus respectivos pensamentos sobre sua face indiferenciada e dessemelhante, por meio de tracejamentos singulares de planos. De modo que, se o caos é o abismo a ser penetrado e combatido, é também o que desafia a filosofia, a arte e a ciência à criatividade e à experimentação, no sentido de iluminá-lo, recriá-lo, reinventá-lo, contra os insuportáveis lugares-comuns reprodutores e domesticadores:

Numa palavra, o caos tem três filhas segundo o plano que o recorta: são as Caoides, a arte, a ciência e a filosofia, como formas de pensamento e criação. Chamam-se caoides as realidades produzidas em planos que recortam o caos (p. 245).

Filosofia, arte e ciência são pensamentos sobre o caos que, de alguma forma, se atravessam. Porém, tal movimento não culmina numa síntese, nem numa identificação. Sintetizar ou regular a identificação entre essas três formas de pensamento é propor reducionismos e negar singularidades. É da filosofia criar conceitos, é da arte produzir obras nas quais se manifestam o ser das sensações e é da ciência engendrar funções a partir de estado de coisas. No entanto, é possível pensar em atravessamentos entre as peculiaridades de seus respectivos planos que recortam o caos, a partir dos quais pode-se vislumbrar relações inéditas, como: sensação de conceito ou de função; conceito de função ou de sensação, e, função de conceito ou de sensação. Em outras palavras, é possível pensar em passagens sutis e sub-reptícias entre fronteiras de pensamentos, o que sugere o emergir de um saber indeterminável ou indecível, conforme sugerem Deleuze e Guattari (p. 234-235): “Cada elemento criado sobre um plano apela a outros elementos heterogêneos, que restam por criar sobre outros planos: o pensamento como heterogênesse” (AMARAL, 2019, *in* Projeto CAOIDES, UFG, 2019).

É nessa perspectiva do pensamento como heterogênesse que este Dossiê é apresentado ao leitor. O encontro de pesquisadores das áreas da filosofia, da arte e da educação, integrantes do *Grupo de Estudos e Pesquisas CAOIDES – Filosofia, Arte e Ciência: o pensamento como heterogênesse* (UFG/CNPq), produz um conhecimento que abarca questões da fenomenologia, da criação artística e do ensino da arte, assim como de indagações filosóficas e de análises críticas do campo educacional. O conjunto de artigos constitui a primeira produção conjunta desse Grupo, e a ele somam-se contribuições relevantes de outros pesquisadores de Portugal, Espanha, Cuba e, ainda, de outros investigadores do Brasil.

O primeiro artigo, *Educar a través del arte: la huella de Cuba*, do pesquisador da Universidad San Jorge, Espanha, Jacobo Henar Barriga, discute a influência da mercantilização global em todas as áreas da vida e, especialmente, no mundo da arte. Afirma que o comércio de arte forjou a ideia de que a criação responde necessariamente a expectativas lucrativas, perdendo assim o contato com a necessidade pedagógica que nunca deveria ter sido esquecida.

Em *Peculiaridades da alma romântica em criações artísticas*, Sueli Teresinha de Abreu Bernardes, pesquisadora de questões que envolvem arte, filosofia e educação, analisa como o ideário característico do Romantismo e do Pré-romantismo repercutiu na arte contribui para desvelar a alma romântica. Com o objetivo de aprofundar esse entendimento, sob o aporte da fenomenologia bachelardiana, a autora comenta algumas criações que expressam singularidades como a interpretação da natureza, o prevalecer dos sentimentos sobre a razão, o exercício da liberdade, a visão de mundo centrada no indivíduo, a religiosidade e o expressar do drama humano. Além disso, analisa conceitos de Jean-Jacques Rousseau, Johann Wolfgang

von Goethe, Johann Christoph Friedrich von Schiller e Friedrich von Hardenberg – Novalis, e salienta aspectos pertinentes ao tema.

Hamlet Fernández Díaz, pesquisador cubano, autor do ensaio *El cine y los sentidos: una reflexión estética, filosófica y antropológica*, desenvolve uma reflexão estético-filosófica, a partir de análises específicas de filmes, sobre como um texto audiovisual pode desencadear efeitos estéticos que, além da visão e da audição, ativam sentidos como o tato, o paladar ou o olfato. Em sua argumentação, conclui que na fase da recepção puramente mental, as consequências cognitivas da compreensão incluem todas as transferências de estímulos estéticos em uma conjunção que deve ser definida como multissensorial.

No artigo *A existência segundo o[s] QOHELET[S]: a literatura bíblica em Haroldo de Campos*, Ricardo Almeida de Paula, pesquisador da Universidade Federal do Maranhão, têm por objetivo revisitar os elementos essenciais e existenciais apresentados por Haroldo de Campos através de um diálogo literário e filosófico comparativo entre a transcrição haroldiana e a tradução formalista do texto do Qohelet da Bíblia Hebraica. A conclusão é a de que a tradução traz em si a essência vivencial e existencial e que ao tradutor cabe identificar o percurso da função poética do texto a partir do original e reconfigurá-la na língua de chegada.

Pedro Manuel dos Santos Alves, pesquisador da Universidade de Lisboa, no artigo *A relevância da fenomenologia husserliana para uma psicologia centrada na subjectividade humana*, tem como objetivo analisar as relações entre a Fenomenologia Transcendental e a Psicologia teórica e clínica. Apresenta, também, o conceito de historicidade da vida monádica e, sobretudo, com a pouco conhecida dimensão existencial da Fenomenologia, tal como ela aparece nos textos do Husserl tardio.

No artigo *A fenomenologia do cuidado, a ética e a formação humana*, do pesquisador da Universidade Federal de Goiás, Adão José Peixoto e do acadêmico Matheus Alexandre Rocha, busca-se compreender as contribuições da fenomenologia do cuidado para a ética e a formação humana. Ao final, baseados em Heidegger, os autores comentam o predomínio da preocupação excessiva com o acúmulo de bens, com o utilitarismo, e também a existência da miséria e do abandono, em uma época que revela um mundo inóspito e uniformizado, vazio de empatia, de solidariedade. Época do esquecimento do humano.

Sérgio Naghettini e Valeska Guimarães Rezende da Cunha, pesquisadores da Universidade de Uberaba, em seu artigo *Os pressupostos de Deleuze na trama da arte de conceituar*, têm por objetivo desvendar os pressupostos de Deleuze na trama da arte de conceituar. Os autores abordam a crítica deleuziana à filosofia clássica, a concepção da filosofia

de Deleuze, bem como o que é um conceito para este filósofo e, por fim, os pressupostos da filosofia e da arte.

Em *Reflexões sobre a fenomenologia de Edmund Husserl como método de pesquisa em educação*, as pesquisadoras Enilda Rodrigues de Almeida Bueno (UFG) e Karla Vitoriano e Silva Almeida (UEG) discutem as contribuições epistemológicas da fenomenologia de Husserl para pesquisa em educação no Brasil. O objetivo é aprofundar os estudos sobre o referencial fenomenológico enquanto teoria e método de investigação nas pesquisas qualitativas em ciências humanas, para responder à seguinte questão: Como a epistemologia fenomenológica a partir do pensamento husserliano pode contribuir com a pesquisa em educação, de modo a propiciar cientificidade e credibilidade à produção de novos conhecimentos? As autoras concluem que uma investigação educacional deve constituir-se como intencional, pautada no método fenomenológico que busca a compreensão da essência e da subjetividade humana, em sua totalidade. Para tanto, deve abranger os seguintes momentos, que são fundantes para ressignificar as pesquisas em educação na perspectiva fenomenológica: redução fenomenológica, redução eidética, intencionalidade e rigor.

Helenara Soares Santos e Patrícia Medina, pesquisadoras da Universidade Federal do Tocantins, em seu artigo *Capacitação interna nas universidades federais do norte do Brasil: aspectos históricos e desafios iminentes*, têm como objetivo discutir quais os procedimentos, instrumentos e modalidades adotados, e como são realizados os processos avaliativos para os cursos de capacitação interna realizados pelas universidades federais da região norte do Brasil, e ainda conhecer o histórico dessas instituições. As autoras verificaram que grande parte das universidades federais da Região Norte possui plano de capacitação sistematizado. E dessas, a maioria avalia suas ações de alguma forma.

Encerrando o Dossiê, é apresentada uma entrevista com o Professor José Ternes, pesquisador da PUC-Goiás, a qual foi realizada em novembro de 2021 por dois membros do Grupo de Pesquisa CAOIDES, Hugo Tallyton Lopes Santos e Sueli Teresinha de Abreu Bernardes. O Professor Ternes é um dos autores mais citados no Centro-Oeste no campo da Filosofia Francesa Contemporânea, em pesquisas acerca do pensamento educacional moderno, da literatura e da epistemologia francesa, sobretudo analisando a relação entre essas perspectivas. Em seus estudos, sobressaem-se os fundamentos em Foucault e Bachelard. É a vertente bachelardiana de suas investigações que constitui o foco desta entrevista.

Que os resultados das investigações ora expostos suscitem diálogos, reflexões e provoquem uma pluralidade de ideias a todas e todos.

Organizadores

Prof. Dr. Adão José Peixoto
Profa. Dra. Enilda Rodrigues de Almeida Bueno
Prof. Dr. Hamlet Fernández Díaz
Prof. Dr. Ricardo Almeida de Paula
Profa. Dra. Sueli Teresinha de Abreu Bernardes

REFERÊNCIAS

CAOIDES: Filosofia, Arte e Ciência: o pensamento como heterogênesse. *Projeto do Grupo de Estudos e Pesquisa*. [Justificativa de Roberto Antonio Penedo do Amaral]. Faculdade de Educação, UFG, 2019. [Apresentado no XXV Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG, 2022].

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

Recebido em 20 de agosto de 2022.
Publicado em 05 de setembro de 2022.